



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA**

LAYSSE FARIAS FAUSTO

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA
ACERCA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

**CAMPINA GRANDE
2022**

LAYSSE FARIAS FAUSTO

**PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA
ACERCA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento do Curso de Odontologia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Odontologia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Criseuda Maria Benício Barros.

**CAMPINA GRANDE
2022**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F268p Fausto, Laysse Farias.
Percepção dos estudantes de escolas públicas da Paraíba acerca das infecções sexualmente transmissíveis [manuscrito] / Laysse Farias Fausto. - 2022.
35 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Odontologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2022.
"Orientação : Profa. Dra. Criseuda Maria Benício Barros, Coordenação do Curso de Odontologia - CCBS."

1. Infecções sexualmente transmissíveis. 2. Escola pública . 3. DSTs. 4. Sexo na adolescência. I. Título

21. ed. CDD 616.95

LAYSSE FARIAS FAUSTO

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA
ACERCA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado ao Departamento do Curso
de Odontologia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de bacharel em
Odontologia.

Aprovada em: 22/07/2022.

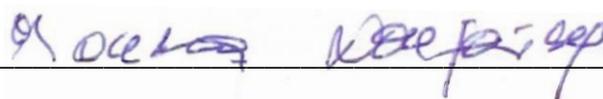
BANCA EXAMINADORA



Profª Drª Criseuda Maria Benício Barros (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Drª Darlene Cristina Ramos Eloy Dantas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª Esp. Mouna Noujaim Habib Nacad El-Khoury
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho à minha querida mãe. Sua grande força foi a mola propulsora que permitiu o meu avanço, mesmo durante os momentos mais difíceis. Obrigada!

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz,
e os seus planos serão bem-sucedidos”.
(Provérbios 16:3)

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1	– Entrada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque	12
Fotografia 2	– Pátio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque	12
Fotografia 3	– Corredor da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque	12
Fotografia 4	– Aplicação do questionário semiestruturado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque	13
Gráfico 1	– Distribuição das ISTs que são de conhecimento dos estudantes	15

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Distribuição dos estudantes segundo o sexo e a faixa etária ...	14
Tabela 2 –	Distribuição das respostas dos estudantes relativas ao conhecimento geral acerca das ISTs	15
Tabela 3 –	Distribuição das respostas dos estudantes relacionadas ao conhecimento acerca da transmissão e da prevenção das ISTs	16
Tabela 4 –	Distribuição das respostas dos estudantes relacionadas à vida sexual	17
Tabela 5 –	Distribuição das respostas referentes ao conhecimento acerca das ISTs e à vida sexual dos estudantes, de acordo com o sexo	17
Tabela 6 –	Distribuição das respostas referentes à vida sexual dos estudantes, de acordo com a faixa etária	18

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
DSTs	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ECA	Estatuto da Criança e do Adolescente
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
HPV	Papiloma Vírus Humano
ISTs	Infecções Sexualmente Transmissíveis
TALE	Termo de Assentimento Livre e Esclarecido
TCLE	Termo de Compromisso Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA	11
2.1	Tipo de pesquisa	11
2.2	Local da pesquisa	11
2.3	População e amostra	13
2.4	Critérios de elegibilidade	13
2.5	Coleta de dados	13
2.6	Análise estatística	14
2.7	Aspectos éticos	14
3	RESULTADOS	14
4	DISCUSSÃO	18
5	CONCLUSÃO	21
	REFERÊNCIAS	21
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ESTUDANTES	27
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	30
	APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)	32
	ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA	34

PERCEPÇÃO DOS ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA ACERCA DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS

PERCEPTION OF STUDENTS FROM PARAÍBA'S PUBLIC SCHOOLS ABOUT SEXUALLY TRANSMITTED INFECTIONS

Laysse Farias Fausto*
Criseuda Maria Benício Barros**

RESUMO

Este estudo objetivou avaliar o nível de conhecimento dos estudantes de duas escolas públicas do estado da Paraíba acerca das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Realizou-se um estudo do tipo epidemiológico transversal, o qual foi desenvolvido nas Escolas Professora Maria José Costa de Albuquerque e Doutor Trajano Nóbrega. A amostra consistiu em 121 alunos dessas instituições, os quais se encontravam matriculados nos turnos matutino e vespertino. Os dados foram coletados nos meses de maio e de julho de 2022, durante um encontro presencial em cada escola, através da aplicação de um questionário semiestruturado. As informações foram organizadas através do Microsoft Excel, sendo analisadas, posteriormente, através do IBM SPSS. A análise estatística descritiva correspondeu ao cálculo das frequências, enquanto a análise estatística inferencial consistiu na execução do teste qui-quadrado, com um nível de significância de 5%. O estudo foi executado de acordo com as diretrizes da Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), sendo submetido e aprovado previamente pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Os resultados indicaram que os participantes da pesquisa eram majoritariamente do sexo masculino (50,4%), pertencendo principalmente à faixa etária de 16 a 18 anos (50,4%). Percebeu-se que a maioria dos estudantes conhecia alguma dessas infecções (93,4%), sendo a Internet o principal meio em que se obteve informações sobre a temática (48,7%). Observou-se uma maior prevalência de menções à infecção pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV)/síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) (n = 102), além de respostas satisfatórias acerca da transmissão e da prevenção das ISTs no geral. 56,2% dos estudantes revelaram já ter dado início às relações sexuais, enquanto 30,9% relataram “usar camisinha apenas às vezes”. Da parcela dos discentes que já possuíam vida sexual ativa, 63,2% obtiveram, na escola, informações acerca dos métodos de prevenção de ISTs e de gravidez. Na análise bivariada, o conhecimento acerca das ISTs ($p = 0,004$), o início das relações sexuais ($p = 0,036$) e o uso de preservativos ($p = 0,036$) foram associados ao sexo. Contudo, não houve associação estatisticamente significativa entre a faixa etária e o início das relações sexuais ($p = 0,104$). A avaliação dos questionários indicou, no geral, um bom nível de conhecimento dos estudantes acerca das ISTs. Entretanto, essa percepção nem sempre esteve traduzida em comportamentos protetores, o que pôde ser verificado através dos relatos daqueles alunos que já possuíam uma vida sexual ativa. Ademais, percebeu-se que as menções acerca da infecção pelo HIV/AIDS se sobressaíram, o que evidencia que outras infecções precisam ganhar espaço em meio às estratégias educativas e às intervenções preventivas.

*Graduanda em Odontologia, Departamento de Odontologia, UEPB – lysesfeff17@gmail.com

**Professora Doutora, Departamento de Odontologia, UEPB – criseudabenicio@gmail.com

Palavras-chave: Percepção de Estudantes. Escolas Públicas. Infecções Sexualmente Transmissíveis.

ABSTRACT

This study aimed to evaluate the level of knowledge of students from two public schools in the state of Paraíba about Sexually Transmitted Infections (STIs). A cross-sectional epidemiological study was carried out, which was realized at the Schools Teacher Maria José Costa de Albuquerque and Doctor Trajano Nóbrega. The sample consisted on 121 students from these institutions, who were enrolled in the morning and afternoon shifts. Data were collected in May and July 2022, during a face-to-face meeting at each school, through the application of a semi-structured questionnaire. The information was organized using Microsoft Excel and later analyzed using IBM SPSS. Descriptive statistical analysis corresponded to the calculation of frequencies, while inferential statistical analysis consisted of performing the chi-square test, with a significance level of 5%. The study was carried out in accordance with the guidelines of Resolution 466/12 by the National Health Council (CNS), and was previously submitted and approved by the Research Ethics Committee (CEP). The results indicated that the research participants were mostly male (50.4%), belonging mainly to the age group of 16 to 18 years (50.4%). It was noticed that most students knew about some of these infections (93.4%), with the Internet being the main device to obtain information about the subject (48.7%). There was a higher prevalence of mentions about the infection by human immunodeficiency virus (HIV)/acquired immunodeficiency syndrome (AIDS) ($n = 102$), in addition to satisfactory answers about the transmission and prevention of STIs in general. 56.2% of the students revealed that they had already started sexual relations, while 30.9% reported “only use sometimes a condom”. Of the students who were already sexually active, 63.2% obtained information about STIs and pregnancy prevention methods at school. In the bivariate analysis, knowledge about STIs ($p = 0.004$), initiation of sexual intercourse ($p = 0.036$) and condom use ($p = 0.036$) were associated with sex. However, there was no statistically significant association between age group and onset of sexual intercourse ($p = 0.104$). The evaluation of the questionnaires indicated, in general, a good level of students' knowledge about STIs. However, this perception was not always translated into protective behaviors, which could be verified through the reports of those students who already had an active sexual life. Furthermore, it was noticed that the mentions about infection by HIV/AIDS stood out, which shows that other infections need to gain space between educational strategies and preventive interventions.

Keywords: Students' Perception. Public Schools. Sexually Transmitted Infections.

1 INTRODUÇÃO

Com base no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a lei brasileira considera que a adolescência compreende a faixa etária de 12 a 18 anos. Esse período é marcado por mudanças físicas – a exemplo da alta produção de esteroides gonadais que estimulam os impulsos sexuais – e comportamentais – tais como o surgimento da curiosidade para vivenciar novas experiências e o desenvolvimento da autonomia em relação aos seus responsáveis (MIELNIK, 2010; QUEIROZ et al., 2017).

Ademais, esta fase representa uma transição para a vida adulta, sendo permeada por uma busca constante para encontrar a sua real personalidade e por comportamentos negligentes com a própria saúde (MACEDO; CONCEIÇÃO, 2015; FONSECA et al., 2013). Conseqüentemente, esse grupo apresenta uma maior vulnerabilidade e um maior risco para desenvolver determinadas doenças (PESSALACIA; MENEZES, MASSUIA, 2010).

Um exemplo disso consiste na maior incidência de ISTs durante o período da adolescência (PORTELA; ARAÚJO, 2013; MESQUITA et al., 2017). A literatura reporta que mais de 60% dessas infecções são encontradas nessa faixa etária (DRAGO et al., 2016) e que cerca de 25% dos casos recém-diagnosticados com sorologia positiva para o HIV são observados entre pessoas que possuem de 12 a 24 anos (CDC, 2015).

É válido ressaltar que as ISTs são aquelas infecções causadas por vírus, bactérias, fungos e protozoários, que se disseminam principalmente por meio de relações sexuais (BRASIL, 2021; NSUAMI; SANDERS; TAYLOR, 2010). Elas podem ser curáveis – a exemplo da gonorreia, da sífilis e da infecção por clamídia –, ou não curáveis, porém modificáveis – tais como a herpes simples, a hepatite B, além das infecções pelo papiloma vírus humano (HPV) e pelo HIV (OMS, 2021).

Uma das questões mais preocupantes acerca das ISTs e que as tornam um problema de saúde pública em todo o mundo é o fato de que podem ocorrer sem sintomas, sendo capazes de serem transmitidas de forma despercebida durante uma relação sexual desprotegida (OMS, 2021; SAMKANGE-ZEEB; SPALLEK; ZEEB, 2011). Foi justamente por causa disso que, em 2016, após a comunidade científica perceber que o termo “doença” é associado à manifestação de uma sintomatologia, as Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) passaram a ser denominadas ISTs (BRASIL, 2016).

Sob este viés, a propagação do conhecimento acerca das ISTs e das suas complicações se torna imprescindível para garantir a prevenção e o tratamento adequados, já que os indivíduos que não conhecem os sintomas característicos podem não reconhecer a necessidade de buscar ajuda (AMU; ADEGUN, 2016). Ademais, considerando que a ocorrência de ISTs em adolescentes reflete o padrão de ISTs na população adulta, as campanhas educativas devem focar nesse grupo etário e ser transmitidas de forma didática (RODRIGUES et al., 2014).

Assim, as instituições de ensino desempenham um papel importante na abordagem de questões relacionadas à sexualidade e à saúde reprodutiva (PERSSON; SANDSTRÖM; JARLBRO, 1992). Em acréscimo, se configuram como um ambiente ideal para a implementação de estratégias que visam reduzir a incidência de ISTs e promover a melhoria da saúde da população jovem (SOE et al., 2018). Diante do exposto, este estudo objetivou avaliar o nível de conhecimento dos estudantes de duas escolas públicas do estado da Paraíba acerca das ISTs.

2 METODOLOGIA

2.1 Tipo de pesquisa

Realizou-se um estudo do tipo epidemiológico transversal com abordagem quantitativa e qualitativa.

2.2 Local da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida nas Escolas Estaduais de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque e Doutor Trajano Nóbrega, instituições de ensino que estão localizadas, respectivamente, nos municípios de Olivedos e de Soledade, no estado da Paraíba (Fotografias 1, 2 e 3).

Fotografia 1 – Entrada da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque



Fonte: Autoria própria, 2022.

Fotografia 2 – Pátio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque



Fonte: Autoria própria, 2022.

Fotografia 3 – Corredor da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque



Fonte: Autoria própria, 2022.

2.3 População e amostra

A população foi composta pelos estudantes, de ambos os sexos, matriculados no ensino médio das Escolas Professora Maria José Costa de Albuquerque e Doutor Trajano Nóbrega. A amostra, por sua vez, foi selecionada por conveniência e consistiu em 121 alunos dessas instituições, os quais se encontravam matriculados nos turnos matutino e vespertino.

2.4 Critérios de elegibilidade

Incluiu-se, na pesquisa, os estudantes que: (1) apresentavam matrícula ativa durante a execução da coleta de dados; (2) cursavam o 1º, o 2º ou o 3º ano do ensino médio nas escolas que compuseram a amostra do estudo; (3) frequentavam as aulas nos turnos matutino e vespertino. Dentre esses alunos, foram excluídos aqueles que: (1) encontravam-se matriculados no turno da noite; (2) recusaram-se a responder ao questionário; (3) eram menores de idade e os responsáveis não assinaram o Termo de Compromisso Livre e Esclarecido (TCLE).

2.5 Coleta de dados

Anteriormente à coleta de dados, o pesquisador foi treinado e calibrado conforme os critérios de aplicação do questionário. Além disso, nos meses de abril e de junho de 2022, realizou-se uma visita às escolas, a fim de, juntamente à coordenação e aos professores do ensino médio, construir um cronograma e, conseqüentemente, de comprometer o mínimo possível as atividades escolares.

Os dados foram coletados nos meses de maio e de julho de 2022, durante um encontro presencial em cada escola (Fotografia 4), através da aplicação de um questionário semiestruturado (Apêndice A). Este apresentava 16 questões, as quais abordaram os aspectos sociodemográficos, o conhecimento acerca das ISTs e a vida sexual dos alunos.

Fotografia 4 – Aplicação do questionário semiestruturado na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professora Maria José Costa de Albuquerque



Fonte: Autoria própria, 2022.

2.6 Análise estatística

Os dados foram tabulados e organizados por meio do Microsoft Excel (versão 2205 para Windows, Microsoft Corporation, Redmond, WA, USA), sendo analisados, posteriormente, através do software IBM SPSS (versão 22.0 para Windows, IBM Corporation, Armonk, NY, USA).

Para as variáveis qualitativas, a análise estatística descritiva correspondeu ao cálculo das frequências absolutas e percentuais. No que se refere à análise estatística inferencial, utilizou-se o teste qui-quadrado, com um nível de significância de 5%, a fim de se identificar possíveis associações.

2.7 Aspectos éticos

O estudo foi executado de acordo com as diretrizes da Resolução 466/12 CNS, sendo submetido e aprovado previamente pelo CEP do Centro Universitário Facisa (CAAE: 10069419.3.0000.5175) (Anexo A). Ademais, foi solicitada a assinatura do TCLE pelos responsáveis legais (Apêndice B) e a assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) (Apêndice C) pelos estudantes.

Vale ressaltar que, antes de aceitar participar do estudo, os alunos e os responsáveis foram informados acerca dos seus objetivos, procedimentos, riscos e benefícios. Nesse contexto, os riscos são mínimos, uma vez que não se realizou nenhum tipo de intervenção nos participantes da pesquisa e que os dados obtidos foram mantidos em sigilo. Já no que se refere aos benefícios, o participante auxiliará de forma indireta na elucidação do nível de conhecimento acerca das ISTs e na elaboração de estratégias educacionais para abordar essa temática, além de contribuir para o embasamento científico.

3 RESULTADOS

Os participantes da pesquisa eram majoritariamente do sexo masculino (50,4%), pertencendo principalmente à faixa etária de 16 a 18 anos (50,4%) (Tabela 1). No que se refere ao conhecimento geral acerca das ISTs, percebeu-se que a maioria dos estudantes conhecia alguma dessas infecções (93,4%) e as associou com a definição: “é uma infecção que se pega principalmente pelo sexo” (73,6%). Além disso, a internet foi o principal meio onde os discentes obtiveram informações acerca da temática (48,7%) (Tabela 2).

Tabela 1 – Distribuição dos estudantes segundo o sexo e a faixa etária

Variáveis	N	%
Sexo		
Masculino	61	50,4
Feminino	60	49,6
Faixa etária		
14 a 16 anos	35	28,9
16 a 18 anos	61	50,4
18 a 20 anos	23	19,0
Maior que 20 anos	2	1,7

Fonte: Autoria própria, 2022.

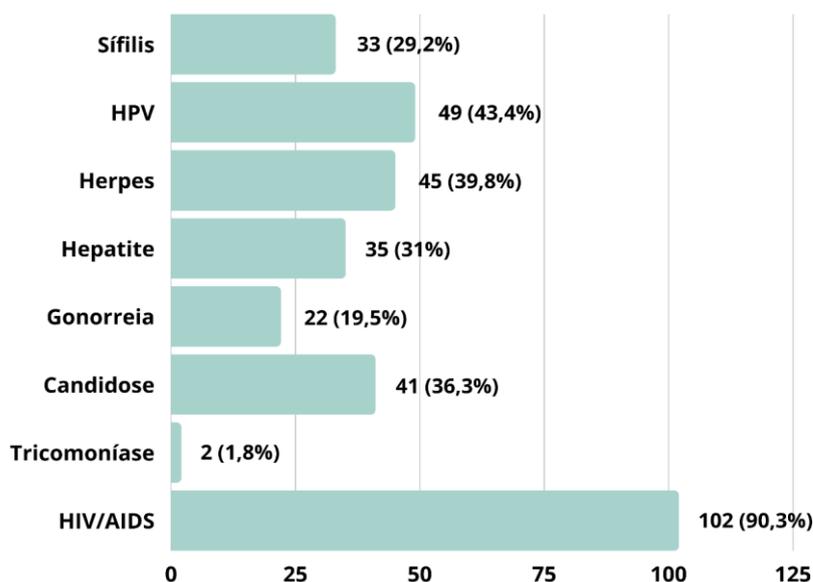
Tabela 2 – Distribuição das respostas dos estudantes relativas ao conhecimento geral acerca das ISTs

Variáveis	N	%
O que significa IST?		
Não sei	27	22,3
É uma infecção que se pega principalmente pelo sexo	89	73,6
É uma infecção da rua, do mundo, e que se pega apenas com profissionais do sexo (como, por exemplo, prostitutas)	5	4,1
Você conhece alguma IST?		
Sim	113	93,4
Não	8	6,6
Onde você recebeu informações sobre IST?¹		
Por intermédio de Agente Comunitário de Saúde	11	9,7
Na UBSF	6	5,3
Pela internet	55	48,7
Pela televisão	3	2,6
Lendo material informativo	2	1,8
Na escola	29	25,7
Em outra fonte	7	6,2

Fonte: Autoria própria, 2022.

¹Questão respondida apenas pelos que relataram conhecer alguma IST (n = 113)

Em relação às ISTs que foram mencionadas pelos discentes como sendo do seu conhecimento, observou-se uma maior prevalência da infecção pelo HIV/AIDS (n = 102), seguida da infecção pelo HPV (n = 49), da herpes (n = 45) e da candidose (n = 41). A tricomoníase (n = 2) e a gonorreia (n = 22), por outro lado, foram as ISTs que apresentaram a menor quantidade de menções, sendo, portanto, as menos conhecidas pelos alunos (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição das ISTs que são de conhecimento dos estudantes¹

Fonte: Autoria própria, 2022.

¹Questão de múltipla escolha, respondida apenas pelos que relataram conhecer alguma IST (n = 113)

Quanto ao conhecimento que os alunos possuíam sobre a transmissão das ISTs, viu-se que a maioria respondeu que “qualquer pessoa que tenha relação sexual com mais de um parceiro, sem a proteção da camisinha” poderia adquirir alguma dessas infecções (41,3%), que não é possível adquirir uma IST ao se compartilhar utensílios ou sanitários com alguém que foi infectado (64,5%) e que o adolescente portador de alguma IST deve continuar indo à escola normalmente (73,6%) (Tabela 3).

Tratando-se dos questionamentos relativos à prevenção, os estudantes, em sua maior parte, afirmaram que manter relações sexuais apenas com pessoas que aparentam ter uma boa saúde (66,9%) e tomar anticoncepcional (90,9%) não são formas de se prevenir contra as ISTs. Em acréscimo, as respostas “sim, os adolescentes devem usar a camisinha em todas as relações sexuais” (87,6%) e “a camisinha serve para proteger do vírus da AIDS (o HIV)” (38%) prevaleceram (Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição das respostas dos estudantes relacionadas ao conhecimento acerca da transmissão e da prevenção das ISTs

Variáveis	N	%
Quem pode pegar uma IST?		
Não sei	31	25,6
Qualquer pessoa que tenha relação sexual com mais de um parceiro, sem a proteção da camisinha	50	41,3
Somente aqueles que fazem sexo com várias pessoas	13	10,7
Qualquer pessoa, cujo companheiro ou companheira sexual tenha relações sexuais desprotegidas (sem camisinha)	27	22,3
Para que serve a camisinha?		
Não sei	1	0,8
Para evitar as ISTs	33	27,3
Para proteger do vírus da AIDS (o HIV)	46	38,0
Para evitar gravidez	41	33,9
Você acha que só ter relações com pessoas que aparentam ter boa saúde é uma maneira de se proteger das ISTs?		
Sim	40	33,1
Não	81	66,9
Os adolescentes devem usar a camisinha em todas as relações sexuais?		
Sim	106	87,6
Não	15	12,4
Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger do vírus da AIDS?		
Sim	11	9,1
Não	110	90,9
Você acha que uma pessoa pode pegar IST se usar os mesmos talheres, pratos, copos ou banheiro de alguém que tem IST?		

Sim	43	35,5
Não	78	64,5
O adolescente portador da IST deve continuar indo à escola normalmente?		
Sim	89	73,6
Não	32	26,4

Fonte: Autoria própria, 2022.

Quando questionados acerca da sua vida sexual, 56,2% dos estudantes revelaram já ter dado início às relações sexuais, enquanto 30,9% relataram “usar camisinha apenas às vezes”. É válido mencionar que 63,2% da parcela dos discentes que já possuíam vida sexual ativa obtiveram, na escola, informações acerca dos métodos de prevenção de IST e de gravidez (Tabela 4).

Tabela 4 – Distribuição das respostas dos estudantes relacionadas à vida sexual

Variáveis	N	%
Já iniciou as relações sexuais?		
Sim	68	56,2
Não	53	43,8
Você usa camisinha?¹		
Nunca usei	8	11,8
Não uso, porque não sei como usar	2	2,9
Não uso, porque não gosto	7	10,3
Uso apenas às vezes	21	30,9
Uso só para evitar gravidez	10	14,7
Sempre uso nas minhas relações sexuais	20	29,4
Você aprendeu na escola sobre os métodos de prevenção de IST e gravidez?¹		
Sim	43	63,2
Não	25	36,8

Fonte: Autoria própria, 2022.

¹Questão respondida apenas pelos que relataram ter iniciado as relações sexuais (n = 68)

As Tabelas 5 e 6 apresentam a distribuição das respostas do questionário (correspondentes às perguntas: “Você conhece alguma IST?”, “Já iniciou as relações sexuais”, “Você usa camisinha?”), de acordo com o sexo e com a faixa etária. Na análise bivariada, o conhecimento acerca das ISTs ($p = 0,004$), o início das relações sexuais ($p = 0,036$) e o uso de preservativos ($p = 0,036$) foram associados ao sexo. Contudo, não houve associação estatisticamente significativa entre a faixa etária e o início das relações sexuais ($p = 0,104$).

Tabela 5 – Distribuição das respostas referentes ao conhecimento acerca das ISTs e à vida sexual dos estudantes, de acordo com o sexo

Respostas do Questionário / Variáveis	Sexo		p-valor
	Feminino N	Masculino N	
Você conhece alguma IST?			
Sim	60	53	0,004

Não	0	8	
Já iniciou as relações sexuais?			
Sim	28	40	0,036
Não	32	21	
Você usa camisinha?			
Nunca usei	3	5	0,036
Não uso, porque não sei como usar	1	1	
Não uso, porque não gosto	3	4	
Uso apenas às vezes	7	14	
Uso só para evitar gravidez	1	9	
Sempre uso nas minhas relações sexuais	13	7	

Fonte: Autoria própria, 2022.

Tabela 6 – Distribuição das respostas referentes à vida sexual dos estudantes, de acordo com a faixa etária

Respostas do Questionário / Variáveis	Faixa Etária				p-valor
	14 a 16 anos N	16 a 18 anos N	18 a 20 anos N	Mais que 20 anos N	
Já iniciou as relações sexuais?					
Sim	16	33	17	2	0,104
Não	19	28	6	0	

Fonte: Autoria própria, 2022.

4 DISCUSSÃO

As ISTs têm sido um fenômeno global, podendo ser caracterizadas, na atualidade, como um dos maiores problemas de saúde pública. Nesse contexto, considerando que o início da vida sexual tem sido cada vez mais precoce e que é comum que os adolescentes não adotem os métodos de prevenção, essa população acaba se tornando mais suscetível a essas infecções (CARVALHO et al., 2018). Por isso, compreender a percepção dos jovens sobre os fatores que envolvem as ISTs é essencial para o desenvolvimento e para a execução de estratégias que atendam esse grupo (CRUZ et al., 2018).

Os resultados da pesquisa apontaram que a maioria dos participantes era do sexo masculino. Entretanto, as alunas apresentaram uma maior compreensão acerca da definição de ISTs, com a análise inferencial indicando que o conhecimento do tema foi associado ao sexo ($p = 0,004$). Outros estudos também encontraram achados semelhantes (SAMKANGE-ZEEB; SPALLEK; ZEEB, 2011; ANJOS et al., 2012; CARVALHO et al., 2018), o que pode estar relacionado ao fato de que, por questões históricas e culturais, as mulheres recebem uma maior atenção da família quanto a sua sexualidade e possuem mais cautela frente ao receio de uma gravidez precoce (ALMEIDA et al., 2017).

Com relação ao conhecimento geral que os adolescentes possuíam sobre as ISTs, percebeu-se que, assim como mencionado pela literatura (SVENSSON; WAERN, 2013; AWANG et al., 2014; AMU; ADEGUN, 2016), os estudantes apresentavam uma boa percepção do assunto. Esse dado é positivo, reafirmando que o conhecimento acerca das ISTs tem aumentado nas últimas décadas e que a

educação sexual tem sido incorporada progressivamente nos currículos escolares (AMU; ADEGUN, 2016)

Contudo, ao avaliar individualmente os tipos de ISTs mencionados pelos discentes, observou-se que a infecção pelo HIV/AIDS se sobressai. Diversas pesquisas obtiveram esse mesmo resultado (SAMKANGE-ZEEB; SPALLEK; ZEEB, 2011; FONNER et al., 2014; AMU; ADEGUN, 2016; CARVALHO et al., 2018), o qual foi atribuído às diversas campanhas de conscientização que têm sido realizadas mundialmente, desde a década de 80, com a propagação dessa infecção (SAMKANGE-ZEEB; SPALLEK; ZEEB, 2011). Com isso, outras ISTs que também apresentam complicações severas acabam sendo ignoradas (AMU; ADEGUN, 2016).

Verificou-se que a Internet e a Escola constituíram os principais meios de obtenção de informações sobre esse contexto, o que corrobora com um estudo tailandês (SVENSSON; WAERN, 2013). Embora seja importante que os adolescentes busquem ferramentas para adquirir conhecimento, nota-se que a questão da sexualidade ainda é encarada como um tabu, já que o ideal seria que o ambiente familiar também fosse uma fonte de informação (CAMARGO; FERRARI, 2009). Outrossim, a grande valorização conferida aos meios de comunicação é digna de preocupação, pois informações equivocadas são propagadas constantemente nesses espaços e a abordagem utilizada por eles nem sempre é adequada para a sensibilização da faixa etária (CRUZ et al., 2018).

No tocante às perguntas acerca da transmissão das ISTs, viu-se que a maior parte dos alunos respondeu corretamente, o que vai ao encontro de inúmeros estudos (CARVALHO et al., 2018; CHAVES et al., 2014; COSTA et al., 2013; THEOBALD et al., 2012). Também merece destaque a prevalência das opiniões de que não se contrai essas infecções apenas ao se compartilhar utensílios ou banheiros, e que adolescentes portadores de ISTs devem continuar indo à escola. É importante que os estudantes possuam esse entendimento, haja vista que os equívocos relativos a esses tópicos, além de desmotivar a adoção de comportamentos sexuais seguros, reforçam a estigmatização contra pessoas infectadas, fazendo com que estas não sintam segurança em buscar os serviços de saúde (AMU; ADEGUN, 2016).

Já no que se refere aos métodos de prevenção, ainda que a maioria das respostas tenham sido satisfatórias – com 90,9% dos participantes afirmando que os anticoncepcionais não previnem ISTs –, notou-se que 33,1% dos jovens consideraram que manter relações sexuais com pessoas que aparentam ter uma boa saúde pode ser uma forma de se proteger contra ISTs. Essa concepção é preocupante e evidencia a vulnerabilidade à qual os adolescentes estão expostos, já que essas infecções possuem um período de latência antecedendo o surgimento dos sintomas, ou até mesmo formas subclínicas que não são perceptíveis ao contato sexual (MARTINS et al., 2006).

Tratando-se mais especificamente do uso de preservativos, percebeu-se, entre os discentes, uma alta conscientização sobre o seu efeito preventivo, o que também foi relatado por alguns autores (ANJOS et al., 2012; COSTA et al., 2013) e evidencia que os jovens se encontram cientes da importância e da necessidade do uso desse meio de proteção (CARVALHO et al., 2018). Por outro lado, o uso do preservativo como método contraceptivo assume uma importância que muitas vezes supera a sua função protetora contra ISTs (ANDERSSON-ELLSTRÖM; FORSSMAN; MILSOM, 1996). Isso pôde ser verificado nesta pesquisa, considerando que a porcentagem de alunos que apontou que a função dos

preservativos é de evitar a gravidez (33,9%) e que os relacionou com a prevenção de ISTs (38%) foi muito próxima.

Outra reflexão pertinente refere-se ao fato de que o conhecimento acerca do assunto nem sempre reflete as atitudes dos estudantes (SOUZA, 2018) e de que, para serem bem-sucedidas, estratégias preventivas exigem mudanças de comportamento (GENUIS, S. J.; GENUIS, S. K., 2004). Dessa forma, observou-se um predomínio de relatos do uso ocasional de preservativos, o que está relacionado à dificuldade de manuseio para aqueles que são inexperientes, ao pensamento de que prejudicam o prazer sexual e ao constrangimento que é sentido ao se sugerir que o parceiro utilize (TAYLOR; KORENROMP; WI, 2017; CDC, 2018; FISHMAN; LAUPLAND, 2011).

Somado a isso, o hábito de usar preservativos apresentou relação com o sexo ($p = 0,036$). De fato, a literatura demonstra que, quando comparadas aos homens, as mulheres são menos propensas a adquirir comportamentos de risco, a exemplo de relações sexuais desprotegidas (ESPADA et al., 2012; HLAVINKOVA et al., 2014; STANTON, 2015). Isso se deve às diferentes expectativas sociais entre os sexos (LEFKOWITZ et al., 2014), e ao fato de que as mulheres são mais atingidas pelos efeitos adversos de comportamentos sexuais de risco, tais como gravidez indesejada e taxas mais elevadas de ISTs (ESTADOS UNIDOS, 2018).

É válido ressaltar que mais da metade dos adolescentes revelaram já ter iniciado as relações sexuais, um resultado que já era esperado, uma vez que a precocidade da vida sexual entre esses indivíduos tem sido uma característica cada vez mais notória (GONÇALVES et al., 2015). Em acréscimo, o início da vida sexual foi associado com o sexo ($p = 0,036$), o que pode ser explicado pela menor média de idade que os indivíduos do sexo masculino possuem durante o primeiro intercuro sexual (SOUZA, 2018). Esse cenário merece atenção, já que, quanto mais jovens, menor o conhecimento que as pessoas apresentam sobre as ISTs que podem ser adquiridas a partir de uma relação sexual sem proteção (COSTA, 2017).

Dentre os discentes que possuíam vida sexual ativa, uma parcela expressiva (36,8%) relatou que não aprendeu acerca dos métodos de prevenção de ISTs e de gravidez na escola. Esses dados foram similares ao da Pesquisa Nacional de Crescimento Familiar, um estudo realizado nos Estados Unidos que descobriu que 34% das meninas e 42% dos meninos não receberam educação em saúde sexual durante o ensino médio (ABMA; MARTINEZ, 2017). Nessa perspectiva, deve-se destacar a necessidade de que a escola exerça o seu papel fundamental de viabilizar discussões sobre essa temática, visto que, através de práticas pedagógicas e de um ambiente acolhedor, esta instituição social afeta positivamente os comportamentos em saúde (OLIVEIRA-CAMPOS et al., 2014; FERNANDES, 2020).

Este estudo apresenta limitações relacionadas ao método de coleta de dados, a exemplo do questionário que apresentava apenas questões objetivas. Esse tipo de pergunta, quando comparado às questões subjetivas, é mais prático e mais simples de ser respondido. Todavia, quando existe uma lista com possíveis respostas, tem-se o risco de que alguns alunos, por se sentirem incapazes de responder, selecionem as alternativas aleatoriamente (VINTEN, 1995). Em segundo lugar, há a possibilidade de que, por receio de que as informações relatadas pudessem ser acessadas, os participantes não tenham respondido as questões de maneira fidedigna, principalmente àquelas relacionadas ao comportamento sexual (DE ROSSI et al., 2021).

Diante do exposto, apesar da existência de inúmeras pesquisas baseadas nesse tema, sabe-se que ainda são contabilizados altos índices de IST na população jovem (BRASIL, 2017). Assim, estudos futuros que identifiquem o nível de informação dos adolescentes acerca das ISTs e as intervenções preventivas mais eficazes são necessários, a fim de que se obtenha um impacto positivo nos fatores psicossociais e nos comportamentos dos estudantes relacionados às práticas de saúde sexual (MIRANDA et al., 2016; SOUZA, 2018; SOE et al., 2018).

5 CONCLUSÃO

A avaliação dos questionários indicou, no geral, um bom nível de conhecimento dos estudantes acerca das ISTs. Entretanto, essa percepção nem sempre esteve traduzida em comportamentos protetores, o que pôde ser verificado através dos relatos daqueles alunos que já possuíam uma vida sexual ativa. Ademais, percebeu-se que as menções acerca da infecção pelo HIV/AIDS se sobressaíram, o que evidencia que outras infecções precisam ganhar espaço em meio às estratégias educativas e às intervenções preventivas.

REFERÊNCIAS

ABMA, J. C.; MARTINEZ, G. M. Sexual activity and contraceptive use among teenagers in the United States, 2011-2015. **National Health Statistics Reports**, Hyattsville, n. 104, p. 1-23, 2017.

ALMEIDA, R. A. A. S.; CORRÊA, R. D. G. C. F.; ROLIM, I. L. T. P.; HORA, J. M. D.; LINARD, A. G.; COUTINHO, N. P. S.; OLIVEIRA, P. D. S. Knowledge of adolescents regarding sexually transmitted infections and pregnancy. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 70, n. 5, p. 1033-1039, 2017.

AMU, E. O.; ADEGUN, P. T. Awareness and knowledge of sexually transmitted infections among secondary school adolescents in Ado Ekiti, South Western Nigeria. **Journal of Sexually Transmitted Diseases**, Nova Iorque, v. 2015, 2015.

ANDERSSON-ELLSTRÖM, A.; FORSSMAN, L; MILSOM, I. The relationship between knowledge about sexually transmitted diseases and actual sexual behaviour in a group of teenage girls. **Sexually Transmitted Infections**, v. 72, n. 1, p. 32-36, 1996.

ANJOS, R. H. D. D.; SILVA, J. A. S.; VAL, L. F.; RINCON, L. A.; NICHATA, L. Y. I. Diferenças entre adolescentes do sexo feminino e masculino na vulnerabilidade individual ao HIV. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 46, n.4, p. 829-837, 2012.

AWANG, H.; WONG, L. P.; JANI, R.; LOW, W. Y. Knowledge of sexually transmitted diseases and sexual behaviours among Malaysian male youths. **Journal of Biosocial Science**, Cambridge, v. 46, n. 2, p. 214-224, 2014.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA, PREVENÇÃO E CONTROLE DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS, DO HIV/AIDS E DAS

HEPATITES VIRAIS. **Boletim Epidemiológico HIV/AIDS 2017**. Brasília: Ministério da Saúde; 2017. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2017/boletim-epidemiologico-hivaids-2017>. Acesso em: 18 jul. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE DST, AIDS E HEPATITES VIRAIS. **Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde; 2015. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolo_clinico_diretrizes_terapeutica_atencao_integral_pessoas_infecoes_sexualmente_transmissiveis.pdf. Acesso em: 10 jul. 2022.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. SECRETARIA DE VIGILÂNCIA EM SAÚDE. DEPARTAMENTO DE VIGILÂNCIA, PREVENÇÃO E CONTROLE DAS IST, DO HIV/AIDS E DAS HEPATITES VIRAIS. **Departamento passa a utilizar a nomenclatura “IST” no lugar de “DST”**. Brasília: Ministério da Saúde; 2016. Disponível em: <https://telelab.aids.gov.br/index.php/2013-11-14-17-44-09/item/519-departamento-passa-a-utilizar-nomenclatura-ist-no-lugar-de-dst>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CAMARGO, E. Á. I.; FERRARI, R. A. P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciência & Saúde Coletiva**, Londrina, v. 14, n.3, p. 937-946, 2009.

CARVALHO, O.; GRAILEA, R.; PINTO, S.; SANTOS, M. S. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes adolescentes de escolas públicas. **Adolescência & Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 7-17, 2018.

CHAVES, A. C. P.; BEZERRA, E. O.; PEREIRA, M. L. D.; WOLFGANG, W. Conhecimentos e atitudes de adolescentes de uma escola pública sobre a transmissão sexual do HIV. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 67, n.1, p. 48-53, 2014.

CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS (CDC). **STDs in adolescents and young adults**. Atlanta: CDC; 2015. Disponível em: <https://www.cdc.gov/std/stats14/adol.htm>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CENTRO DE CONTROLE E PREVENÇÃO DE DOENÇAS (CDC). **STDs increase across the country for the third year**. Atlanta: CDC; 2018. Disponível em: <https://www.cdc.gov/std/stats16/default.htm>. Acesso em: 15 jul. 2022.

COSTA, A. C. P. J.; LINS, A. G.; ARAÚJO, M. F. M. D.; ARAÚJO, T. M. D.; GUBERT, F. D. A.; VIEIRA, N. F. C. Vulnerabilidade de adolescentes escolares às DST/HIV, em Imperatriz-Maranhão. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 34, n.3, p. 179-186, 2013.

COSTA, A.C. **Conhecimento do uso da camisinha masculina na prevenção das ISTs/AIDS nos adolescentes de uma escola pública do estado de Sergipe: uma atualização**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina) – Departamento de Medicina, Universidade Federal de Sergipe. Aracaju, 55 p. 2017.

CRUZ, L. Z.; ANDRADE, M. S.; PAIXÃO, G. P. N.; SILVA, R. S. da; MACIEL, K. M. N.; FRAGA, C. D. S. Conhecimento dos adolescentes sobre contracepção e infecções sexualmente transmissíveis. **Adolescência e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 7-18.

DE ROSSI, L. F.; MAZZETTO, F. M. C.; REZENDE, K. T. A.; MARIN, M. J. S.; NARDO, L. R. O. Educação em saúde relacionada a sexualidade e Infecções Sexualmente Transmissíveis: Uma revisão integrativa. **New Trends in Qualitative Research**, v. 8, p. 9-17, 2021.

DRAGO, F.; CICCARESE, G.; ZANGRILLO, F.; GASPARINI, G.; COGORNO, L.; RIVA, S.; JAVOR, S.; COZZANI, E.; BROCCOLO, F.; ESPOSITO, S.; PARODI, A. A survey of current knowledge on sexually transmitted diseases and sexual behaviour in Italian adolescents. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basileia, v. 13, n. 4, p. 422, 2016.

ESPADA, J. P.; ORGÍLES, M.; MORALES, A.; BALLESTER, R.; HUEDO-MEDINA, T. B. Effectiveness of a school HIV/AIDS prevention program for Spanish adolescents. **AIDS Education and Prevention**, Las Vegas, v. 24, n. 6, p. 500, 2012.

ESTADOS UNIDOS. DEPARTAMENTO DE SAÚDE E SERVIÇOS HUMANOS. **Sexually Transmitted Diseases**. Washington: Healthy People; 2018. Disponível em: <https://www.healthypeople.gov/2020/topics-objectives/topic/sexually-transmitted-diseases>. Acesso em: 18 jul. 2022.

FERNANDES, F. **A educação para sexualidade nos anos iniciais**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e em Matemática) – Setor de Ciências Exatas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 200. 2020.

FISHMAN, D. N.; LAUPLAND, K. B. Sexually transmitted Infections in Canada: a sticky situation. **Canadian Journal of Infectious Diseases and Medical Microbiology**, Oakville, v. 22, n. 3, p. 80-82, 2011.

FONNER, V. A.; AMSTRONG, K. S.; KENNEDY, C. E.; O'REILLY, K. R.; SWEAT, M. D. School based sex education and HIV prevention in low-and middle-income countries: a systematic review and meta-analysis. **PloS One**, v. 9, n. 3, p. e89692, 2014.

FONSECA, F. F.; SENA, R. K. R.; SANTOS, R. L. A.; DIAS, O. V.; COSTA, S. D. M. As vulnerabilidades na infância e adolescência e as políticas públicas brasileiras de intervenção. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 258-264, 2013.

GENUIS, S. J.; GENUIS, S. K. Managing the sexually transmitted disease pandemic: a time for reevaluation. **American Journal of Obstetrics and Gynecology**, San Luis, v. 191, n. 4, p. 1103-1112, 2004.

GONÇALVES, H.; MACHADO, E. C.; SOARES, A. L. G.; CAMARGO-FIGUERA, F. A.; SEERIG, L. M.; MESENBURG, M. A.; MENEZES, A. M. B. Sexual initiation

among adolescents (10 to 14 years old) and health behaviors. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 18, n.1, p. 25-41, 2015.

HLAVINKOVA, L.; MENDEL, A.; KOLLAROVA, J.; KRISTUFKOVA, Z. Effectiveness of a prevention campaign on HIV/AIDS knowledge among adolescents in Eastern Slovakia. **International Journal of Public Health**, Basileia, v. 59, n. 6, p. 905-911, 2014.

LEFKOWITZ, E. S.; SHEARER, C. L.; GILLEN, M. M.; ESPINOSA-HERNANDEZ, G. How gendered attitudes relate to women's and men's sexual behaviors and beliefs. **Sexuality & Culture**, New York, v. 18, n. 4, p. 833-846, 2014.

MACEDO, E. O. S.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Significações sobre adolescência e saúde entre participantes de um grupo educativo de adolescentes. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 35, n. 4, p. 1059-1073, 2015.

MARTINS, L. B. M.; COSTA-PAIVA, L. H. S. D.; OSIS, M. J. D.; SOUSA, M. H. D.; PINTO-NETO, A. M.; TADINI, V. Fatores associados ao uso de preservativo masculino e ao conhecimento sobre DST/AIDS em adolescentes de escolas públicas e privadas do Município de São Paulo, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 315-323, 2006.

MESQUITA, J. S.; COSTA, M. I. F. D.; LUNA, I. T.; SILVA, A. D. A.; PINHEIRO, P. N. D. C. Fatores de risco e proteção entre adolescentes em relação às DST/HIV/AIDS. **Revista de Enfermagem UFPE Online**, Recife, v. 11, n. 3, p. 1227-1233, 2017.

MIELNIK, I. **Os adolescentes: conceito, dinâmica e orientação do adolescente**. São Paulo: IBRASA, 2010.

MIRANDA, A. A. M.; OLIVEIRA, C. G. de; THIMOTEO, G. M.; ASSIS, L. F.; DEL'DUCA, A.; CARVALHO, A. R. de; MIRANDA, J. P. L. de. Conhecimento acerca de DST/AIDS e métodos contraceptivos dos discentes dos cursos técnicos integrados do IF Sudeste MG - Campus Juiz de Fora. **Multiverso: Revista Eletrônica do Campus Juiz de Fora-IF Sudeste MG**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 25-36, 2016.

NSUAMI, J. M.; SANDERS, L. S.; TAYLOR, S. N. Knowledge of sexually transmitted infections among high school students. **American Journal of Health Education**, Reston, v. 41, n. 4, p. 206-217, 2010.

OLIVEIRA-CAMPOS, M.; NUNES, M. L.; MADEIRA, F. D. C.; SANTOS, M. G., BREGMANN, S. R.; MALTA, D. C.; BARRETO, S. M. Sexual behavior among Brazilian adolescents, National adolescent school-based Health Survey (PeNSE 2012). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, São Paulo, v. 17, p. 116-130, 2014.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Sexually Transmitted Infections (STIs)**. Genebra: OMS; 2021. Disponível em: [https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-\(stis\)](https://www.who.int/en/news-room/fact-sheets/detail/sexually-transmitted-infections-(stis)). Acesso em: 10 jul. 2022.

PERSSON, E; SANDSTRÖM, B.; JARLBRO, G. Sources of information, experiences and opinions on sexuality, contraception and STD protection among young Swedish students. **Advances in Contraception**, Dordrecht, v. 8, n. 1, p. 41-49, 1992.

PESSALACIA, J. D. R.; MENEZES, E. S. D.; MASSUIA, D. A. A vulnerabilidade do adolescente numa perspectiva das políticas de saúde pública. **Bioethikos**, São Paulo, v. 4, n. 4, p. 423-430, 2010.

PORTELA, N. L. C.; ARAÚJO, L. P. Conhecimento e prática dos métodos contraceptivos por estudantes adolescentes: um estudo comparativo. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 19, n. 33, p. 13-24, 2013.

QUEIROZ, M. V. O.; ALCÂNTARA, C. M. de; BRASIL, E. G. M.; SILVA, R. M. da. Participação de adolescentes em ações educativas sobre a saúde sexual e contracepção. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, Fortaleza, v. 29, p. 58-65, 2017.

RODRIGUES, M. O.; ONOFRE, P. S. C.; OLIVEIRA, P. P.; AMARAL, J. L. Conhecimento dos adolescentes de uma escola da rede pública sobre as principais doenças sexualmente transmissíveis. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, Divinópolis, v. 3, n. 4, p. 1268-1280, 2014.

SAMKANGE-ZEEB, F. N.; SPALLEK, L.; ZEEB, H. Awareness and knowledge of sexually transmitted diseases (STDs) among school-going adolescents in Europe: a systematic review of published literature. **BMC Public Health**, Londres, v. 11, n. 1, p. 1-12, 2011.

SOE, N. M. K.; BIRD, Y.; SCHWANDT, M.; MORAROS, J. STI health disparities: a systematic review and meta-analysis of the effectiveness of preventive interventions in educational settings. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, Basileia, v. 15, n. 12, p. 2819, 2018.

SOUZA, L. S. **Conhecimentos e práticas de adolescentes acerca das Infecções Sexuais Transmissíveis (ISTs) nas escolas públicas do município de Aracaju/SE**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Farmácia) – Departamento de Farmácia, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 27 p. 2018.

STANTON, B. Teachers' patterns of implementation of an evidence-based intervention and their impact on student outcomes: results from a nationwide dissemination over 24-months follow-up. **AIDS and Behavior**, v. 19, n. 10, p. 1828-1840, 2015.

SVENSSON, L.; WAERN, S. Knowledge of and attitudes to sexually transmitted diseases among Thai university students. **Journal of Caring Sciences**, p. 18-21, 2013.

TAYLOR, M. M.; KORENROMP, E.; WI, T. Pathways and progress to enhanced global sexually transmitted infection surveillance. **PLoS Medicine**, San Francisco, v. 14, n. 6, p. e1002328, 2017.

THEOBALD, V. D.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N.; GERHARDT, C. R.; OLIVEIRA, F. J. M. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. **Revista da Associação Médica do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 26-31, 2012.

VINTEN, G. Open versus closed questions – An open issue. **Management Decision**, Bingley, v. 33, n. 4, p. 27-31, 1995.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ESTUDANTES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA
PROJETO DE EXTENSÃO - PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DAS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA
PARAÍBA

**QUESTIONÁRIO SOBRE PERCEPÇÃO QUANTO ÀS INFECÇÕES
SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS**

É válido informar que este questionário é individual e confidencial. Sendo assim, responda-o assinalando os parênteses com um X ou respondendo de maneira legível nos espaços adequados. Agradecemos a sua participação!

PARTE I DADOS PESSOAIS

1. Sexo: () Masculino () Feminino
2. Faixa etária: 10 a 12 anos
12 a 14 anos
14 a 16 anos
16 a 18 anos
18 a 20 anos
Maior que 20 anos

**PARTE II PERGUNTANDO SOBRE INFECÇÕES SEXUALMENTE
TRANSMISSÍVEIS (IST)**

1. O que significa Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)?
() Não sei
() É uma infecção que se pega principalmente pelo sexo
() É uma infecção da rua, do mundo, e que se pega apenas com profissionais do sexo (como, por exemplo, prostitutas).
2. Quem pode pegar uma IST?
() Não sei
() Qualquer pessoa que tenha relação sexual com mais de um parceiro, sem a proteção da camisinha
() Somente aqueles que fazem sexo com várias pessoas

- Qualquer pessoa, cujo companheiro ou companheira sexual tenha relações sexuais desprotegidas (sem camisinha).
3. Para que serve a camisinha?
- Não sei
 - Para evitar as ISTs
 - Para proteger do vírus da AIDS (o HIV)
 - Para evitar gravidez.
4. Você acha que só ter relações com pessoas que aparentam ter boa saúde é uma maneira de se proteger das ISTs?
- Sim
 - Não
5. Os adolescentes devem usar a camisinha em todas as relações sexuais?
- Sim
 - Não
6. Você acha que tomar remédio para não engravidar é uma forma de se proteger do vírus da AIDS?
- Sim
 - Não
7. Você conhece alguma Infecção Sexualmente Transmissível (IST)?
- Sim
 - Não
8. Se você disse SIM, informe quais das IST abaixo você conhece:
- SÍFILIS
 - HPV - Infecção por papilomavírus humano
 - HERPES
 - HEPATITE
 - GONORRÉIA
 - CANDIDÍASE
 - TRICOMONÍASE
 - HIV/AIDS
9. Onde você recebeu informações sobre IST?
- Por intermédio de Agente Comunitário de Saúde
 - Na UBSF
 - Pela internet
 - Pela televisão
 - Lendo material informativo
 - Na Escola
 - No Trabalho
 - Em outra fonte
10. O adolescente portador da IST deve continuar indo à escola normalmente?
- Sim
 - Não

11. Você acha que uma pessoa pode pegar IST se usar os mesmos talheres, pratos, copos ou banheiro de alguém que tem IST?

- Sim
 Não

PARTE III PERGUNTANDO SOBRE A VIDA SEXUAL

1. Já iniciou as relações sexuais?

- Sim
 Não

Se você respondeu NÃO para a questão acima, o questionário termina aqui.

2. Você usa camisinha?

- Nunca usei
 Não uso, porque não sei como usar
 Não uso, porque não gosto
 Não uso, porque não confio nela
 Não uso, porque não sei onde conseguir a camisinha
 Uso apenas às vezes
 Uso só para evitar gravidez
 Sempre uso nas minhas relações sexuais

3. Você aprendeu na escola sobre os métodos de prevenção de IST e gravidez?

- Sim
 Não

GERHARDR, CR; NADER, SS; PEREIRA, DN. Doenças Sexualmente Transmissíveis: conhecimento, atitudes e comportamento entre os adolescentes de uma escola pública. Rio Grande do Sul. Disponível <em <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/viewFile/362/261>>. Acesso em: outubro de 2016.

Questionário alterado por: Laysse Farias Fausto, aluna do curso de Odontologia – Universidade Estadual da Paraíba.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA
PROJETO DE EXTENSÃO - PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DAS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA
PARAÍBA

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Questionários para pesquisa e avaliação)**

Prezado(a) Senhor(a),

Seu/Sua filho(a) está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa: “PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA”. No caso de você concordar que ele(a) participe, favor assinar ao final do documento. A participação do(a) seu/sua filho(a) não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com os pesquisadores ou com a instituição.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Criseuda Maria Benício Barros

OBJETIVO DA PESQUISA: Implementar um sistema de ações pautados na realização de palestras, cursos, minicursos e rodas de conversa que visem conscientizar, educar, e prevenir as infecções sexualmente transmissíveis em alunos de escolas públicas da Paraíba.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: se o(a) senhor(a) concordar que seu/sua filho(a) participe da pesquisa, ele(a) terá que responder a um questionário semiestruturado sobre as infecções sexualmente transmissíveis e suas maneiras de prevenção.

- Nós não precisaremos dos dados pessoais dele(a) para realizar esta pesquisa.

- Os dados obtidos servirão para a elaboração de estudos e estatísticas que revelem novas informações ou complementem as já existentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

RISCOS E DESCONFORTOS: Esta pesquisa não submete o participante a nenhum risco, e ele e/ou o seu responsável podem retirar sua participação a qualquer momento da realização do trabalho proposto, sem nenhum tipo de penalização

BENEFÍCIOS: Seu/sua filho(a) obterá mais conhecimento quanto às infecções sexualmente transmissíveis e suas maneiras de prevenção.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não há qualquer despesa ou bônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Será garantido o sigilo quanto aos dados envolvidos nesta pesquisa, garantindo, assim, privacidade ao participante.

Caso sinta vontade de entrar em contato com os pesquisadores após a coleta de dados, poderá fazê-lo através do telefone (83) 9.9360-4770.

Assinatura do pesquisador

Assinatura do responsável

APÊNDICE C – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE ODONTOLOGIA
PROJETO DE EXTENSÃO - PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DAS
INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA
PARAÍBA

**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Questionários para pesquisa e avaliação)**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa: “PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DAS INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS EM ESCOLAS PÚBLICAS DA PARAÍBA”. No caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Além disso, o seu responsável deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Lembramos que a sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de fazer parte da pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo na sua relação com os pesquisadores ou com a instituição.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Criseuda Maria Benício Barros

OBJETIVO DA PESQUISA: Implementar um sistema de ações pautados na realização de palestras, cursos, minicursos e rodas de conversa que visem conscientizar, educar, e prevenir as infecções sexualmente transmissíveis em alunos de escolas públicas da Paraíba.

PROCEDIMENTOS DO ESTUDO: se você concordar em participar da pesquisa, terá que responder a um questionário semiestruturado sobre as infecções sexualmente transmissíveis e suas maneiras de prevenção.

- Nós não precisaremos dos seus dados pessoais para realizar esta pesquisa.

- Os dados obtidos servirão para a elaboração de estudos e estatísticas que revelem novas informações ou complementem as já existentes sobre as infecções sexualmente transmissíveis.

RISCOS E DESCONFORTOS: Esta pesquisa não submete o participante a nenhum risco, e você e/ou o seu responsável podem retirar a sua participação a qualquer momento da realização do trabalho proposto, sem nenhum tipo de penalização

BENEFÍCIOS: Você obterá mais conhecimento quanto às infecções sexualmente transmissíveis e suas maneiras de prevenção.

CUSTO/REEMBOLSO PARA O PARTICIPANTE: Não há qualquer despesa ou bônus financeiro aos participantes voluntários desta pesquisa.

CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA: Será garantido o sigilo quanto aos dados envolvidos nesta pesquisa, garantindo, assim, privacidade ao participante.

Caso sinta vontade de entrar em contato com os pesquisadores após a coleta de dados, poderá fazê-lo através do telefone (83) 9.9360-4770.

Assinatura do pesquisador

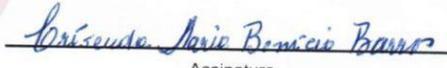
Assinatura do participante

ANEXO A – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA



MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

1. Projeto de Pesquisa: INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS: PREVENÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS DO MUNICÍPIO DE CAMPINA GRANDE- PB			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 300			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 4. Ciências da Saúde			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: Criseuda Maria Benício Barros			
6. CPF: 203.804.024-91	7. Endereço (Rua, n.º): JOAO DA SILVA PIMENTEL 350/99999 CONCEICAO N 407 CAMPINA GRANDE PARAIBA 58401282		
8. Nacionalidade: BRASILEIRO	9. Telefone: (83) 3321-7214	10. Outro Telefone:	11. Email: criseuda@uol.com.br
<p>Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do paramProjeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao paramProjeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.</p>			
Data: <u>17 / 01 / 2019</u>		 Assinatura	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: Universidade Estadual da Paraíba - UEPB	13. CNPJ: 12.671.814/0001-37	14. Unidade/Orgão:	
15. Telefone: (83) 3315-3373	16. Outro Telefone:		
<p>Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumprirei os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.</p>			
Responsável: <u>DENISE NOBREGA DINIZ</u>	CPF: <u>455.821.574.68</u>		
Cargo/Função: <u>CHEFE ADJUNTA/PROFESSORA</u>			
Data: <u>23 / 01 / 19</u>	 Universidade Estadual da Paraíba CCBS - D. ODONTOLOGIA Denise Nobrega Diniz - 12.297-4 Chefe Adjunta Assinatura		
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela proteção, pela força e pelas bênçãos que me concedeu ao longo da vida.

À minha mãe, Flávia de Farias, por todo apoio, dedicação e amor. Serei eternamente grata não só pela força que me conferiu durante essa caminhada difícil, como também pelo empenho e pela ajuda na realização dos meus sonhos. Sem a senhora, nada disso seria possível. Nós conseguimos!

Ao meu irmão, por ter sido fortaleza em momentos tão difíceis dessa caminhada.

Aos meus familiares, por todo o apoio. Em especial, à minha tia, Flaviana de Farias, por se fazer sempre presente; à minha prima, Yasmim Farias, por sempre me incentivar; e aos meus avós, Lúcia e Odon, que também fazem parte desse sonho. Gratidão!

Ao departamento de Odontologia da UEPB, em especial à professora Criseuda Maria Benício Barros, a Mariana Gomes e a toda equipe do NUBS. Todos foram responsáveis por abrir as portas para mim, desde o início da minha formação acadêmica.

À minha banca examinadora, composta pelas professoras Darlene Cristina Ramos Eloy Dantas e Mouna Noujaim Habib Nacad El-Khoury, pela disponibilidade e pelo apoio.

Aos meus colegas de curso, em especial a Elaine Cristina, a Gabriella Cordeiro, a Júnior Rodrigues, a Natan Oliveira, a João Mykael e a Maria Carolina Valdivino. Vocês estiveram ao meu lado durante todo o curso, passaram por todas as situações e momentos difíceis comigo e tornaram tudo mais leve, pois eu sabia que poderia sempre contar com vocês.